

## APRESENTAÇÃO

Agora a disciplina [Estudos da Tradução] busca um melhor entendimento de si mesma voltando-se para a história: a sua história como disciplina, a história das teorias de tradução, ou uma história sócio-cultural do tradutor.

PIOTR KUHIWCZAK & KARIN LITTAU<sup>1</sup>

O quinto número de *Tradução em Revista* congrega onze ensaios acerca de importantes momentos da evolução do pensamento sobre tradução e da prática dessa atividade no Brasil, principalmente, e no exterior, constituindo, dessa forma, mais uma fonte de consulta para a construção de uma historiografia da tradução em nosso país e, em menor escala, em outros contextos. As contribuições aqui reunidas são frutos de pesquisas realizadas e/ou orientadas por professores de universidades brasileiras com tradição no ensino, na pesquisa e na extensão na área de tradução. Desse modo, além de cumprirem o seu propósito primeiro, elas apontam para a proficiência, a maturidade e a aplicabilidade das discussões ocorridas no contexto acadêmico.

Enquanto alguns ensaios se fizeram a partir de uma perspectiva diacrônica, como o estudo que traça a trajetória do *Tetrabiblos*, obra fundadora da astrologia ptolomaica, e de suas traduções, desde o século II até os dias de hoje, outros se construíram em função de uma abordagem sincrônica, sendo que vários deles detiveram-se no Brasil das décadas de 1930 e 1940, tematizando questões como a política do governo Vargas, as condições econômicas que propiciaram o *boom* das traduções, a substituição da hegemonia da cultura francesa pela inglesa, a introdução do romance policial e o papel de Monteiro Lobato enquanto editor, escritor e tradutor.

O ensaio de abertura, de autoria de Irene Hirsch, se detém no papel desempenhado pela tradução de textos provenientes da língua francesa para a sedimentação do ideário dos principais membros da Inconfidência Mineira, contribuindo, assim, para uma compreensão não apenas da relevância da atividade tradutória e dos tradutores na formação cultural brasileira como também da força da

---

<sup>1</sup> Texto original: “Now the discipline [Translation Studies] seeks a new understanding of itself by turning to history: its history as a discipline, of the theories of translation, or a social-cultural history of the translator.” (KUHIWCZAK, Piotr & LITTAU, Karin (orgs.) *A companion to Translation Studies*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007, p. 5)

presença da cultura estrangeira em nosso país. Ao mesmo tempo, ao fazer referência ao fato de que o conteúdo da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América chegou aos inconfindentes pela intermediação de um texto traduzido do francês, a autora ilumina um capítulo importante da história da tradução no Brasil — o das traduções indiretas, principalmente da língua francesa, que vigoraram no Brasil de forma intensa até os anos 1950, como registram outras contribuições presentes neste volume.

O ensaio seguinte, escrito por Marcia A. P. Martins, aborda o início da difusão do drama shakespeariano no sistema cultural brasileiro, com as primeiras traduções de fragmentos de peças para o português do Brasil feitas no século XIX. Ele descortina uma parte importante da história da tradução de textos dramáticos em nosso contexto e revela o manancial de pesquisa sobre a história da tradução no país armazenado em acervos como o da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

O ensaio escrito por Cristina Carneiro Rodrigues traz as primeiras conclusões de uma pesquisa sobre os textos e autores estrangeiros publicados em forma de tradução na Coleção Brasileira, criada em 1931 pela Companhia Editora Nacional. Nesse momento inicial da pesquisa, a autora também procura investigar os prefácios escritos pelos tradutores, a fim de entrelaçar o discurso dos mesmos sobre as estratégias tradutórias utilizadas e o trabalho deveras realizado. A prática de entregar a tradução desses livros a intelectuais de renome, que além do conhecimento lingüístico agregassem o valor de seus nomes aos livros trazidos a lume, adotada nessa coleção, se fez usual no Brasil das décadas de 1930, 1940 e 1950, como apontam outros ensaios desta revista.

O prestígio que a cultura de língua francesa possuía no Brasil, perceptível no seio da intelectualidade mineira do século XVIII, foi paulatinamente sendo substituído pelo das culturas de língua inglesa, sendo possível afirmar, a partir de uma análise dos cinco ensaios que se seguem, que, ao final dos anos 1930, o inglês já havia substituído o francês como a principal língua de tradução no país. O primeiro texto a referendar tal percepção é o de Annie Nielsen, que se inicia com uma abordagem do conceito de pseudotradução para, em seguida, deter-se em alguns importantes momentos da prática dessa atividade em contextos estrangeiros e chegar ao Brasil, mais precisamente em 1944. Nesse ano, Patrícia Galvão, a Pagu, valeu-se do procedimento em questão para referendar os contos que trazia a público, pertencentes ao gênero policialesco, de pouco prestígio naquele momento.

Os quatro textos seguintes — o primeiro, de Dayse Arosa; o segundo e o terceiro, de Maria Clara Castellões de Oliveira em parceria, respectivamente, com

Luciana Maia Borges e Priscilla Pellegrino de Oliveira, e o quarto, de Elizamari Becker — abordam a tradução tal como ela foi praticada e teorizada nas décadas de 30 e 40 do século XX. Esses textos destacam a atuação, como tradutores, de escritores da estirpe de Monteiro Lobato, Rachel de Queiroz e Érico Veríssimo; do intelectual mineiro Agenor Soares de Moura, como crítico de tradução; e, por fim, de editoras como a Globo e a José Olympio, pioneiras na publicação de obras que não costumavam figurar em catálogos editoriais por diferentes motivos, tais como: terem sido escritas originalmente em língua inglesa (e, não, francesa), pertencerem a gêneros pouco conhecidos ou periféricos (como o romance policial) e/ou terem sido escritas por mulheres. Além disso, eles contemplam a tradução e a crítica dessa atividade à luz de mudanças de poder ocorridas no contexto mundial em função da Segunda Guerra Mundial e de políticas culturais adotadas por Getúlio Vargas durante a vigência do Estado Novo (1937-1945).

O ensaio de Giovana Cordeiro Campos, que se segue aos mencionados no parágrafo anterior, guarda relação com os mesmos, por tratar da atuação de Monteiro Lobato como tradutor de *For whom the bell tolls* (*Por quem os sinos dobram*), de Ernest Hemingway. No entanto, ele se diferencia desses textos por centralizar sua atenção na comparação entre os diferentes condicionamentos sócio-históricos e político-ideológicos que informaram as duas traduções dessa obra para o português do Brasil: a primeira realizada em 1941 por Lobato e a segunda publicada mais recentemente, em 2004.

O texto produzido por Elizabeth Cunha Bonaparte, em seqüência, aborda a contribuição do I Encontro Nacional de Tradutores, ocorrido na PUC-Rio, em 1975, para a discussão acerca da imagem do profissional da tradução. Ele também ressalta a importância das entidades de classe que representam os tradutores e os professores e pesquisadores de tradução na construção dessa imagem e para a legitimação do papel social desses profissionais.

O ensaio final, sobre a tradução do *Tetrabiblos*, de Ptolomeu, obra pertencente ao cânone astrológico, aponta para a amplitude dos tipos de conhecimentos que se disseminaram por meio de traduções não apenas das línguas dos originais como também de outras línguas (traduções indiretas). Assim o fazendo, ele incita a realização de pesquisas semelhantes sobre o percurso de textos científicos seminais para a constituição de um saber compartilhado, pretensamente idêntico, mas reconhecidamente dessemelhante, principalmente por parte daqueles que estão conscientes de que o

sentido de qualquer enunciado lingüístico se constrói na história — no tempo e no espaço — e de que qualquer estudo da tradução deve levar em conta essa premissa, caso contrário redundará em uma abordagem estéril e inócua.

Boa leitura!

As organizadoras